



Esportes de aventura nas aulas de Educação Física

Dilvano Leder de França

Professor de Educação Física da rede municipal de Curitiba, na Escola Municipal Professor Herley Mehl
Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Educação Ambiental pela UFPR e especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade UCESP

E-mail: dihlleder@yahoo.com.br

Soraya Corrêa Domingues

Professora da Universidade Federal do Paraná
Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia

E-mail: domingues.soraya@gmail.com

RESUMO

O objetivo da pesquisa é investigar as possibilidades e os desafios apresentados no processo de inclusão e aplicação dos esportes de aventura como conteúdo nas aulas de educação física no ciclo II do ensino fundamental. Os participantes da pesquisa são alunos de 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental de três escolas da rede municipal de ensino de Curitiba. A pesquisa ocorreu de forma bibliográfica e pesquisa de campo, verificando as possibilidades e dificuldades encontradas, analisando as contribuições no desenvolvimento educacional dos estudantes, e justificando a sua inclusão nas aulas de educação física. A coleta de dados ocorreu nas aulas da disciplina de educação física, visando a prática corporal das atividades de esportes de aventura por meio das modalidades de corrida de orientação, *slackline* e arborismo.

Palavras-chave: Educação ambiental, Ensino fundamental, Interdisciplinaridade, Práticas corporais, Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos vem crescendo a prática de esportes alternativos, em contato com a natureza, chamados de esportes de aventura, sendo praticados em parques ou em ambientes fechados. O fato é que estas modalidades também têm chegado nas escolas, adaptadas pelos professores de educação física em suas aulas. Sendo assim, este estudo buscou analisar as contribuições e a importância destas práticas no ambiente escolar dialogando com os aspectos da modernidade que influenciam na relação do ser humano com o meio através do corpo.

Os objetivos da pesquisa se efetivam em desenvolver os esportes de aventura como conteúdo nas aulas de educação física no ciclo II do ensino fundamental nas escolas da rede municipal de Curitiba, investigando as possibilidades e os desafios didáticos, metodológicos, estruturais e pedagógicos durante o processo de inclusão e aplicação dessas modalidades; outro objetivo foi analisar o processo de sensibilização e reflexão dos alunos em relação a importância do respeito à natureza e a sua importância à vida humana, assim como o valor da cooperação e colaboração em relação ao outro por meio da prática dos esportes de aventura.

DILEMAS ENTRE A CULTURA DA MODERNIDADE E O MOVIMENTO HUMANO

Iniciamos este estudo refletindo as relações entre a modernidade com o movimento humano, para entendermos melhor a importância de se pensar em alternativas na relação entre o ser humano e a natureza.

A partir do século XX, tem ocorrido uma grande revolução cultural, vivemos em uma cultura tecnológica, sendo cada vez mais produzida por interferência das tecnologias de comunicação, uma sociedade da informação, e por meio dela, novas direções sendo dadas à indústria do lazer e do entretenimento, fornecendo muito mais que diversão e porções rigorosamente quantificadas de fantasias, desejos e euforia, consolando o extremo empobrecimento da vida social, cultural e emocional, levando as pessoas a um contínuo consumo das mercadorias, rotuladas como novidades e espetáculo.

Giroux (1993), quando fala do pós-modernismo, relaciona com as mudanças proporcionadas pelas influências tecnológicas dos meios de comunicação em massa, e mudanças nas condições de produção do conhecimento científico por meio das tecnologias avançadas, com textos eletrônicos entre outros recursos, produzindo novas formas de organização social (LYOTARD, 1984 apud GIROUX, 1993), com mudanças radicais de produção no desenvolvimento de tecnologias e no processo de globalização, criando novas formas de fragmentação numa sociedade capitalista (GIROUX, 1993).

A sociedade do conhecimento coisifica e fragmenta o mundo por meio de um processo de raciona-

lização do processo de modernização, delimitando a sociedade em uma linguagem única, ignorando o real e criando uma nova realidade avassaladora num excesso de objetividade e controle (LEFF, 2009). A hiperespecialização impede a percepção do todo (MORIN, 2000), restringindo a consciência do global, fragmentando o conhecimento ao específico a ponto de perder as partes que os relacionam e os formam como objeto.

Hall (1986) chama este processo de tirania do novo, um mundo do espetáculo, transformando o cotidiano em consumo, o tempo todo são transmitidas informações em forma de ruído, e consumida pelas massas através de signos estruturados, comunicando ideias e significados sem profundidade racional, estabelecendo na sociedade e nos sujeitos novas posições e identidades, influenciados por tipos específicos de valores e comportamentos, instituindo uma crise entre o real e o imaginário (GIROUX, 1993). Buscamos encontrar sentido nessas ideias, estabelecendo um real entre nosso cotidiano e os aspectos de conceitos de valores, crenças, necessidades e prioridades que nos foram transmitidos por meio das mais diversas mídias que nos estocam de informações a cada dia.

Para Leff (2009), perdemos os saberes culturais tradicionais, por meio da relação entre o simbólico e o real, vivemos, em um mundo delimitado por uma linguagem única, numa unidade do conhecimento, “nos deparamos com uma outridade irrecuperável por este meio dos paralelismos entre a ciência moderna e os saberes tradicionais” (p. 103). Para o autor, outro mundo possível “fundamentado na diversidade cultural, na coevolução das culturas em relação com seus territórios biodiversificados, em uma proliferação do ser e em uma convivência na diferença” (p. 96).

Somos influenciados por imagens de prioridades que muitas vezes não conciliam com nosso real, aquilo que nos rodeia, e conforme interagimos com essas informações que são cada vez mais transmitidas em forma de rede, geramos em nós mesmos a ilusão de ausência, de necessidade e obrigação em nos tornar aquilo que as informações dizem que devemos ser. Já não nos contentamos em ser, não é o bastante, a prioridade é ter e consumir.

A sociedade moderna se especializou em transformar a cultura em espetáculo, os quais agora são organizados por promotores culturais, e instituída pelos poderes econômicos, tornando um cul-

tural que transforma o povo em público (CERTEAU, 2012), em plateia, que fica sentada assistindo a cultura acontecer, consumindo uma cultura globalizada, e não agentes e protagonistas de uma cultura instituída pelo povo, com suas crenças, costumes, raças, saberes, valores locais como saberes culturais e direito de existência dos povos e características particulares de cada região. A cultura não deve, ou não deveria, levar em consideração somente os aspectos globais, mas deve levar em consideração que a cultura em sua essência se dirige às características de um determinado local, uma cultura em si mesmos, não uma cultura no singular.

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2000, p. 56)

Giddens (1991) destaca o fato de, através das mídias eletrônicas, estamos familiarizados com eventos que ocorrem a milhares de quilômetros de onde vivemos. Uma pessoa falando com outra pelo telefone está mais proximamente ligada à outra distante do que a outro indivíduo na mesma sala. Relações íntimas podem ser mantidas virtualmente com outros indivíduos em qualquer lugar do mundo, porém uma pessoa que encontra no outro lado da rua, considera essa como estranha. A educação deve proporcionar a reflexão a respeito dessas novas relações da sociedade, resgatando certos valores que nos diferenciam como sujeitos racionais, a capacidade de falar e ser ouvido, do olhar e ser olhado, do tocar e ser tocado, do sentir e ser sentido, respeitar e ser respeitado, diferenciar e ser diferenciado, acolher e ser acolhido.

A educação física, num olhar de reflexão ao movimento humano, proporciona uma abordagem crítica a respeito das mudanças nas relações de convívio, afetividade e motricidade humana, estabelecendo a oportunidade de analisar a importância destes aspectos no crescimento pessoal e coletivo da sociedade, assim como, a construção do conhecimento.

Hoje a circulação e troca de informações ocorrem em alta velocidade por meio das tecnologias da informação e pela mídia, que utiliza dessas tecnologias para difundir ideias e marketing de produtos, motivando a necessidade do consumismo, promovendo a necessidade de adquirir estes equipamentos tecnológicos facilitadores de comunicação e informação. Estes aspectos estabelecem transformações sociais por meio dessa mudança de cultura local, por uma cultura global (HALL, 1997).

Os valores que a mídia transfere partem de um emissor para um destinatário, o discurso da mídia é direcionado a vários públicos de maneira específica

(CERTEAU, 2012), utilizando de todos os recursos tecnológicos para isto, com uma linguagem diferente para cada público. Portanto, como sujeitos inseridos numa sociedade, e não à margem dela, não há uma simples saída para fugir deste fenômeno. Mas esta reflexão provoca a criticidade para analisar tais ocorrências sociais proporcionadas pela inclusão desses veículos de comunicação, proporcionando a compreensão do nosso papel como indivíduos emancipados neste processo, mas não à margem dele.



A modernidade também está relacionada com a segurança nos aspectos cotidianos, como passear num parque, ir e vir do trabalho, ter acesso a serviços básicos, ou até mesmo estar a bordo de um avião, sem ao menos ter o conhecimento da trajetória e mesmo assim se sentir seguro, diferente de um aventureiro, onde o percurso seria cheio de perigos. Nesse sentido, sacar dinheiro no banco ou realizar uma ligação está implicado numa relação de segurança através de sistemas abstratos, sistemas de comunicação global proporcionados pela internet, que torna a vida moderna possível, mas também criando novas formas de vulnerabilidade psicológica (GIDDENS, 1991), gerando a necessidade de passar credibilidade, estreitando ou distanciando o risco e perigo da confiança e segurança.

Bauman (2001) chama os aspectos que envolve as tecnologias da pós-modernidade de modernidade líquida, descrevendo o líquido como aquilo que ganha formato com facilidade, e desta maneira, não tem solidez em suas características. Na relação entre o equilíbrio da segurança e liberdade, a sociedade moderna escolhe a segurança, pois uma se opõe a outra, a escolha de uma renuncia a outra (BAUMAN, 2001), portanto, na sociedade da informação, a segurança é algo buscado a todo tempo, a fim de proteger as próprias informações, e a liberdade está relacionada ao desconhecido, ao instável e ao perigoso.

Giddens (1991) fala que a confiança pessoal estabelece uma necessidade de confiar nos outros, para a subjetividade humana o significado e a estabilidade são buscados no eu interior, pois esta é uma fonte primordial na confiança individual, já nos casos abstratos, a confiança pressupõe em princípios impessoais, se esforçando cada vez mais para tornarem-se confiáveis, estabelecendo o elo entre a confiança pessoal e a confiança no sistema, ou seja, a modernidade vem rompendo com as velhas formas de comunidade; essa ideia de declínio da comunidade, onde de fato em grande parte tem sido destruída, gera novas formas de vida comunal.

O espaço está se tornando muito mais integrado e no entanto territorialmente fragmentado. Lugares são específicos ou únicos, embora em muitos sentidos



eles pareçam genéricos e iguais. Lugares parecem estar "lá fora", e no entanto são construídos humanamente... Nossa sociedade armazena informações sobre lugares, e contudo temos pouco senso de lugar (SACK, 1988, p.642 apud GIDDENS, 1991, p. 105)

A confiança nos amigos era frequentemente de importância central nas culturas tradicionais, a amizade era institucionalizada, sendo um meio de criar ligações sociais duradouras, os códigos de honra eram com efeito garantias, e a relação de amizade exigia compromisso. Atualmente, o oposto de amigo já não é mais inimigo, ao invés disto é colega, a honra é substituída pela lealdade, um amigo não é alguém que sempre fala a verdade, mas alguém que protege o bem-estar emocional do outro, pois, há uma forte necessidade psicológica de achar outros em quem confiar, a confiança pessoal requer a abertura do indivíduo para o outro, mesmo com o pessoal sendo imerso cada vez mais pelo impessoal (GIDDENS, 1991).

Giddens (1991) também fala que os riscos são aspectos ameaçadores nos dias de hoje, guerra nuclear, calamidade ecológica, explosão populacional, colapso econômico. Esses riscos globalizados não respeitam divisões entre ricos e pobres ou entre regiões do planeta, portanto, recursos ou serviços já não estão mais sob controle local, mas a domínio do poder financeiro. Porém, não tomamos conta dessa lista de perigos, pois, somos bombardeados constantemente com estes problemas, criando um sentimento de insensibilidade, gerando um efeito amortecedor. Um exemplo que contribui para esse efeito amortecedor são os *shopping center*, local onde a sensação de segurança é cultivada, pelo acabamento dos prédios e pelo planejamento cuidadoso dos lugares públicos (Idem).

Conforme o mundo vai assumindo um aspecto cada vez mais ameaçador, a vida torna-se uma interminável busca de saúde e bem-estar, o estado de sua própria saúde torna-se uma preocupação totalmente absorvente e, nesse sentido, os benefícios dos exercícios físicos não são descobertas pessoais, mas vêm de uma necessidade. Neste ponto encontramos um paradoxo. De um lado, a sociedade que privilegia o espetáculo tecnológico com suas características inovadoras com descobertas a cada atualização de *software*, fascinando a vida social e as relações sociais, deixando em muitos casos a prática de atividades físicas em segundo plano no tempo de lazer. Do outro lado, as redescobertas da necessidade do cuidado com a saúde e bem-estar; com as maravilhas deslumbrantes dos benefícios proporcionados por meio de uma vida corporalmente ativa, com práticas corporais que vão além dos movimentos complexos realizáveis por nossos polegares opositores; redescobertas essas que são cada vez mais difundidas pelas próprias plataformas de comunicação e informação.

A escola, por meio de seus protagonistas, alunos, professores e funcionários, não fica de fora deste fenômeno tecnológico. Estas mudanças na forma de produção de conhecimento podem ser ou não favoráveis ao desenvolvimento educacional, de acordo com as metodologias e políticas de ensino por trás destas plataformas. A escola está cada vez mais estimulada a utilizar das mais diversas tecnologias da informação, como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, trazendo muitas contribuições ao desenvolvimento educacional, como um recurso facilitador de ensino-aprendizagem.

A educação física como disciplina que compõe as estruturas disciplinares da educação, também vive este fenômeno por meio dos jogos tecnológicos. As crianças têm fácil acesso a esses recursos (tablets, celulares, computadores, tvs, vídeo games, etc), inserido a um público cada vez mais novo. Crianças passam horas em frente a uma tela com recursos touchscreen com aplicativos massificados. Neste sentido, os esportes de aventura nas aulas de educação física podem surgir como alternativa de mudança e reflexão, podendo trazer potentes possibilidades de equilíbrio e recuperação dos aspectos lúdicos da infância frente a essa realidade.

Narodowski (1999) conceitua a infância na pós-modernidade, em infância hiperrealizada e infância desrealizada. A infância hiperrealizada corresponde a infância de uma realidade virtual, com acesso a computadores, internet, tv a cabo, celulares, vídeo games, etc. A cultura ocidental contribui na transição da antiga para uma nova concepção de infância, visto que nesta cultura as crianças têm acesso aos meios de comunicação, e acesso à informação equivalente a um adulto (BAQUERO e NARODOWSKI, 1994).

A infância desrealizada, sugerida pelo próprio nome, seria aquela em que a criança vive com a carência de condições básicas de sobrevivência, com difícil acesso aos novos suportes tecnológicos (FABRIS, MARCELLO e SOMMER, 2011).

A educação física na escola requer uma reflexão a partir dos sentidos do corpo, do movimento corporal, da prática, tornando as atividades expe-

riências corporais. Bondía (2002) chama atenção a pensar a educação a partir da experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24)

Com os meios de comunicação cada vez mais acelerados, com informações na velocidade do sinal elétrico, não há tempo hábil para viver, experi-

mentar, pensar, reviver, reexperimentar, repensar e refletir as ocasiões que proporcionam sermos tocados pela experiência.

A experiência tem se tornado cada vez menos frequente, nos transformando em indivíduos incapazes dela. Somos seres interpretativos de sentido, portanto, temos que experimentar, fazer, provar, ouvir, ver, estar e participar das práticas que relacionam o homem com o meio. A relação ser humano e meio ambiente deve se dar a partir desses aspectos do experimentar, do sentir e provar, utilizando dos sentidos em contato com os espaços, saboreando o que de melhor essas práticas possam oferecer.

Entretanto, somente a informação não é experiência, sendo quase o oposto de experiência, portanto, a informação por si só não permite a experiência (BONDÍA, 2002). Os alunos através de vários dispositivos são bombardeados todos os dias por informações; e muitas vezes, também os



bombardeamos de informações na própria escola. Preenchemos nosso planejamento de uma salada de informações que são transferidas aos alunos, no que diz respeito a educação bancária segundo Freire (2005). Não proporcionamos tempo suficiente pra transformar as práticas em experiências.

Nas aulas de educação física, devemos ter o cuidado para que os conteúdos não se tornem apenas informações, sem relação em um processo pedagógico, numa reflexão que leve em consideração os múltiplos aspectos das modalidades, tornando as práticas meros experimentos. O experimento também não é experiência, o experimento é repetível e previsível, já a experiência tem uma dimensão de incerteza, não é previsto, é a abertura para o desconhecido (BONDÍA, 2002).

Os esportes de aventura inseridos como conteúdo nas aulas de educação física, não devem ser apenas mais informações transmitidas aos alunos, devem ir além, afetando de algum modo, produzindo efeitos positivos, deixando uma marca e vestígios (BONDÍA, 2002). A interação entre os sujeitos (professores e alunos) com o objeto (os esportes de aventura) deve ir além do contexto prático de modo isolado, sem correlações com outras temáticas emergentes na sociedade, como as questões ambientais que norteiam a relação entre o homem e a natureza.

Concluindo a reflexão a respeito das alterações na vida moderna proporcionadas pela inserção das tecnologias da informação do cotidiano social e escolar, relacionando com o papel da educação física e a prática corporal numa concepção de cultura corporal, verificamos que não é utópico a relação harmoniosa da tecnologia e prática corporal. Porém, cabe uma reflexão quanto a contribuição de cada uma das partes, compreendendo que necessitamos das tecnologias, e que elas contribuem na formação do conhecimento. Devemos sempre analisar os pontos positivos e negativos quanto à relação indivíduo e tecnologia, sem perder a consciência dos valores essenciais de convívio social, assim como, a necessidade do movimento corporal, atribuindo desta forma, uma consciência corporal e tecnológica.

ESPORTES DE AVENTURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

Os esportes de aventura proporcionam possibilidades de manifestação do elemento lúdico, da liberdade e do prazer, potencializando mudanças pessoal e social. Durante essas atividades, o corpo passa a ser um receptor e emissor de informações, e não apenas instrumento de ação, despertando novas sensibilidades, e permitindo as experiências na relação do corpo com o meio.

A experimentação dessas novas emoções e sensibilidades conduz os alunos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem, salientando o aspecto cooperativo, pois, os esportes de aventura, em sua maioria, ocorrem em grupos ou, no mínimo, em dois participantes, ou seja, existe a dependência de um colega para realização da prática de forma mais segura e prazerosa, proporcionando atitudes de confiança e respeito, não só com os companheiros, mas também com a natureza e o ambiente escolar.

A educação física, por meio das experiências nas atividades de natureza, desenvolve nos alunos suas habilidades motoras, capacidades físicas e, até mesmo, muitos fundamentos esportivos específicos. As corridas de orientação, por exemplo, assim como a caminhada e outras atividades, podem ser utilizadas para satisfazer uma variedade de objetivos da educação física, oportunizando diferentes níveis de desenvolvimento: coletivo (habilidades cooperativas e de comunicação); pessoal (autoestima); cognitivo (tomadas de decisão e resolução de problemas); físico (aptidão e desenvolvimento de habilidades motoras).

As atividades de aventura não são apenas uma forma de oportunizar um entretenimento, atividade diferenciada nas aulas, mas, muito mais que isso, é uma forma de valorizar uma temática em ascensão social, já que nos dias de hoje podemos observar com certa facilidade e frequência, jovens e adolescentes e até mesmo crianças praticando tais atividades nos mais variados espaços, como *slackline* nos parques, arvorismo *indoor* em *shoppings centers*, *skate* nas praças, etc, demonstrando tais práticas como preciosas oportunidades para mudanças de comportamentos, atitudes e valores.

METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas com alunos do ciclo I e II do ensino fundamental. A aulas visam a prática corporal das atividades dos esportes de aventura por meio das modalidades de corrida de orientação, *slackline*, arvorismo e *skate*. Ainda foram realizadas aulas de campo em parques da cidade, a fim de realizar as atividades já vivenciadas na escola.

As modalidades escolhidas para aplicação



prática nas aulas de educação física foram selecionadas de acordo com a afinidade e conhecimentos técnicos do pesquisador-participante, de acordo com as experiências das atividades em aulas anteriores. Outro aspecto relevante na escolha das modalidades foi a viabilidade estrutural e material para a realização das atividades, levando em conta os espaços físicos da escola. As atividades aplicadas durante as aulas serão descritas brevemente a seguir.

A primeira modalidade a ser explorada foi a corrida de orientação. Este esporte foi adaptado em suas regras para atender e se adequar às capacidades e conhecimentos pré-requeridos para a realização dos alunos. O processo de ensino-aprendizagem ocorreu numa sequência pedagógica partindo do micro para o macro em relação aos aspectos de dimensão da prática.

A corrida de orientação consiste em realizar um percurso, passando pelos pontos pré-determinados identificados num mapa, no menor tempo possível. Num primeiro momento foi trabalhado a geolocalização em sala e na escola, através de mapas da sala e confecção de mapas da escola pelos alunos. Estes mapas foram utilizados para realização de um caça ao tesouro. No decorrer da sequência didática foi desenvolvido a corrida de orientação em espaço reduzido, para melhor compreensão da dinâmica da atividade, sendo utilizado a quadra como campo da modalidade e cones numerados como referência dos pontos de controle. A partir de então foi realizada a prática da modalidade por completo, utilizando os principais espaços da escola, devendo passar pelos prismas com auxílio do mapa. Esta atividade final foi realizada em equipes de cinco alunos.

A segunda modalidade desenvolvida foi o *slackline*. Atividade que consiste basicamente em andar sobre uma fita ligada a dois pontos fixos, como uma corda bamba. A iniciação a esta modalidade se dá em duplas, segurando na mão do participante. Assim que os alunos se sentirem mais seguros, serão estimulados a realizarem os movimentos soltando aos poucos a mão do parceiro.

O arvorismo foi desenvolvido em espaços alternativos na escola, utilizando colunas da quadra e árvores nos pátios do ambiente escolar. As cordas foram utilizadas para a travessia de um ponto a outro.

Na atividade com o *skate* foi desenvolvido um circuito, onde os alunos deveriam passar, e ao final das aulas eles poderiam modificar este circuito criando suas próprias manobras, utilizando o circuito e variando o grau de dificuldade.

Na última semana de atividades de aventura, houve uma aula de campo em um parque próximo da escola, para a realização das atividades de *slackline*, arvorismo e corrida de orientação, afim de realizar as atividades já vivenciadas na escola, porém, neste momento com o propósito da experimentação dessas práticas em contato e integração em um ambiente com características naturais, árvores, rios, terra, etc.

Durante todo o processo, os alunos foram expostos às discussões e reflexões a respeito do assunto esportes de aventura, prática corporal e consciência ambiental, estimulando a ética da cooperação e do compartilhamento, com o propósito de promover atitudes de respeito, preservação e cuidado com o corpo, com os outros e os espaços, caracterizando a reflexão e nova ação consciente.

Os dados foram analisados durante e após o desenvolvimento das atividades, observando e analisando atitudes de comportamento antes, durante e após as práticas, tanto no que se refere aos alunos, quanto a organização e visão da escola em relação às atividades, incluindo alunos, equipe pedagógica e administrativa, professores, funcionários e comunidade, em relação à execução das atividades e sua relevância e contribuição no desenvolvimento pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o período da pesquisa foi observado que o trabalho do professor de educação física é indispensável no processo emancipatório, colaboran-

do para que os alunos se tornem indivíduos críticos a respeito dos aspectos corporais, compreendendo a sua importância na formação humana integral.

Portanto, os esportes de aventura proporcionam a criticidade sobre a relação corpo/movimento, corpo/meio ambiente, movimento/sociedade.

Foi observado que os alunos possuem um desconhecimento sobre os esportes de aventura e da natureza, assim como, a não convivência com os parques e espaços naturais, gerando para alguns alunos um certo desconforto no primeiro contato com este ambiente natural. Portanto, o planejamento e as metodologias devem contextualizar as atividades dos esportes de aventura com relação a natureza.

O bom planejamento do professor é imprescindível, contemplando uma boa metodologia, materiais adequados, riscos e segurança, espaços para a realização da prática, além de um trabalho interdisciplinar, já que a reflexão quanto ao meio ambiente engloba aspectos de várias disciplinas. Sendo assim, trabalhar com os esportes de aventura na escola exigem esforços do professor.

Os esportes de aventura quando inclusos nas aulas de educação física escolar proporciona a cooperação, o respeito à natureza e aos outros, estimula o trabalho em equipe, além de motivar a prática de atividades físicas.

Sendo assim, é considerável viável e importante a inclusão dos esportes de aventura no contexto escolar, como um opção para novos paradigmas de educação física escolar e o movimento humano.

Referências bibliográficas:

- BAQUERO, R. e NARODOWSKI, M. ¿Existe la infancia? **Revista del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación**, ano 3, n. 4, p. 61-66, jul. 1994.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- CERTEAU, M. **A Cultura no Plural**. 7 ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- FABRIS, E. T. H., MARCELLO, F. A. e SOMMER, L. H. Crisis de la infancia moderna y nuevas configuraciones de la metáfora de la infancia. **Revista Educación y Pedagogía**, v. 23, n. 60, mal./ago. 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. 5 ed. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIROUX, H. O pós modernismo e o discurso da crítica educacional. IN: SILVA, T. T. (Org). **Teoria crítica em tempos pós modernos**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HALL, S. On postmodernism and articulation: An interview. **Journal of Communication Inquiry**, n. 10, p. 40-56, jun. 1986.
- LEFF, E. **Diálogo de saberes, saberes locais e racionalidade ambiental na construção social da sustentabilidade**. Cortez Editora. 2009.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- NARODOWSKI, M. **Después de clase: desencantos de la escuela actual**. Buenos Aires: Novedades Educativas, 1999.